

**O HORROR NA INTIMIDADE: A EXPERIÊNCIA DO INFAMILIAR E DA
ABJEÇÃO EM A SUCESSORA, DE CAROLINA NABUCO**

**THE HORROR WITHIN INTIMACY: THE EXPERIENCE OF THE UNCANNY
AND OF ABJECTION IN *A SUCESSORA*, BY CAROLINA NABUCO**

¹Ana Letícia Pinheiro Sena¹

Carla Melo de Vasconcelos²

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura psicanalítica da obra *A sucessora* (1934), de Carolina Nabuco, a partir dos conceitos de infamiliar (*das Unheimliche*), de Sigmund Freud, e de abjeção, de Julia Kristeva. Busca-se compreender como o romance constrói uma atmosfera de horror íntimo, em que o medo não advém do sobrenatural, mas das manifestações do inconsciente que emergem no cotidiano e contaminam a experiência doméstica. A narrativa de Nabuco revela, por meio da trajetória de Marina, o colapso entre o familiar e o estranho, entre o conhecido e o recalcado, que se tornam fontes de angústia, despersonalização e desintegração psíquica. A pesquisa adota metodologia qualitativa e bibliográfica, fundamentada na leitura imanente, conforme Durão (2020), privilegiando a tensão entre forma e conteúdo, numa leitura que se refaz continuamente pela interpretação.

Palavras-chave: *A sucessora*; infamiliar; abjeção; psicanálise; horror.

ABSTRACT: This article proposes a psychoanalytic reading of *A Sucessora* (1934), by Carolina Nabuco, based on Sigmund Freud's concept of the *uncanny* (*das Unheimliche*) and Julia Kristeva's notion of *abjection*. The study aims to understand how the novel constructs an atmosphere of intimate horror, in which fear does not arise from the supernatural but from manifestations of the unconscious that emerge in everyday life and contaminate domestic experience. Through the trajectory of the protagonist Marina, Nabuco's narrative reveals the collapse between the familiar and the strange, the known and the repressed, which become sources of anguish, depersonalization, and psychic disintegration. The research adopts a qualitative and bibliographic methodology, grounded in an immanent reading as proposed by Durão (2020), emphasizing the tension between form and content in an interpretative process that is continuously renewed through reading.

Keywords: *A Sucessora*; uncanny; abjection; psychoanalysis; horror.

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade do Estado do Pará – UEPA, senaletica25@gmail.com

² Professora orientadora do Curso de Letras-Português da Universidade do Estado do Pará – UEPA, carlavasconcelos@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

Publicado em 1934, *A sucessora*, de Carolina Nabuco, inscreve-se na tradição do romance psicológico brasileiro, característico da segunda fase do Modernismo, mas revela contornos que a aproximam do romance gótico e do suspense psicológico. A narrativa acompanha Marina, uma jovem que, ao casar-se com Roberto Steen, herda não apenas a casa e o título de esposa, mas também o fantasma simbólico de Alice, a mulher que a antecedeu.

A obra explora o mergulho da protagonista em um espaço saturado pela memória alheia, onde os vestígios da vida anterior parecem se impor sobre sua presença. A casa, longe de ser refúgio, converte-se em um labirinto psíquico: um território dominado por lembranças e sombras que ganham corpo na imaginação de Marina. O lar, lugar do íntimo, torna-se o cenário do medo, e é nesse deslocamento que emerge o horror íntimo.

Como observa Freud (2019, p. 58), o *Unheimliche* designa “aquilo que deveria permanecer oculto, mas veio à luz”. Em *A sucessora*, o lar e o casamento, instituições tradicionalmente associadas ao conforto, tornam-se espaços do retorno do reprimido. O estranho irrompe dentro do familiar, e a segurança doméstica transforma-se em angústia.

O medo de Marina não deriva de aparições sobrenaturais, mas do que Freud chama de “angústia sem objeto”, isto é, a sensação de que o terror vem de dentro, não de fora. A experiência de Marina é a do sujeito que se depara com o próprio inconsciente, com a sombra de si mesma projetada em outro corpo, o de Alice.

Este artigo propõe analisar como Carolina Nabuco articula o infamiliar e a abjeção na construção de um horror psicológico que ultrapassa a narrativa romântica. A partir de Freud (2019) e Kristeva (1980), busca-se compreender o processo de dissolução do eu em *A sucessora*, no qual o corpo, a casa e a linguagem se tornam lugares de inquietação e estranhamento.

2. O INFAMILIAR: O ESTRANHO DENTRO DO FAMILIAR

O conceito de *das Unheimliche* designa a inquietação que surge quando algo familiar se torna estranho. Segundo Freud, o infamiliar provoca o desconforto de reconhecer, no que assusta, algo que já é conhecido. Essa sensação ocorre quando o recalcado, aquilo que o inconsciente tentou suprimir, retorna à consciência sob formas deformadas.

Freud (2019, p. 57) afirma que o infamiliar está “frequentemente ligado ao retorno do recalcado”, e que “seu efeito é obtido quando a fronteira entre a fantasia e a realidade se apaga”. Em outras palavras, o Unheimliche não pertence ao campo do sobrenatural, mas ao da mente, o terror nasce quando o sujeito não distingue mais o que é interno e o que é externo, o que é real e o que é imaginário.

Em *A sucessora*, esse colapso de fronteiras é evidente desde a chegada de Marina à casa de Roberto. O retrato da falecida esposa, descrito com detalhes quase hipnóticos, encarna essa transição entre o real e o simbólico: “Parecia outorgar-se o direito de dissecar-lhe os atos e os motivos” (Nabuco, 2018, p. 74).

O olhar pintado adquire força de presença. A pintura se torna viva, e o olhar da morta parece vigiar a sucessora. Essa sensação de ser observada, sem saber se por um fantasma, uma lembrança ou uma parte de si mesma, é o ponto de partida para o desmoronamento psíquico da protagonista. Freud identifica esse sentimento como “o duplo” (der Doppelgänger), uma figura que encarna tanto a ameaça quanto o desejo de imortalidade. No duplo, o sujeito vê sua imagem refletida em outro corpo, reconhecendo e negando a si ao mesmo tempo. Marina, diante de Alice, revive essa dualidade: o medo de ser substituída e o desejo de pertencer àquela memória.

Quando Roberto desqualifica os temores da esposa, dizendo que são “apenas nervos” (Nabuco, 2018, p. 16), cumpre o papel do superego social que reprime o inconsciente. Ele representa a voz racional que tenta impor lógica àquilo que é, por essência, ilógico. Porém, o medo de Marina não é histeria, é o retorno do que Freud chama de “angústia primitiva”, ligada à perda, à morte e à identidade.

Assim, o infamiliar em *A sucessora* não é apenas uma estética do estranho, mas uma experiência do inconsciente, o lar torna-se um espaço simbólico onde o que foi recalcado reaparece sob a forma de ambiente, de olhar e de silêncio.

2.1. O retorno do recalcado e a dissolução do eu

O cotidiano de Marina é gradualmente invadido por vestígios do passado: um leque, um livro com anotações, um perfume, uma carta antiga. Esses objetos, aparentemente neutros, funcionam como catalisadores da memória reprimida. “Coisas insignificantes [...] insuflavam nela [...] uma súbita desolação” (Nabuco, 2018, p. 75).

A cada lembrança material, o passado de Alice retorna, não como lembrança objetiva, mas como presença psíquica. Freud (2019, p. 60) explica que “o infamiliar é tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona”. Assim, os objetos de Alice são os sintomas do inconsciente da casa, fragmentos de um luto não vivido, de uma morte não elaborada.

A dissolução da identidade de Marina ocorre justamente porque ela se torna hospedeira desse retorno. Ela passa a viver em função da morta, absorvendo suas formas, suas roupas, seu gosto. A sucessora, nesse sentido, não sucede, ela é sucedida pela outra.

Freud define o infamiliar como o momento em que o sujeito reconhece em si “algo estranho, mas que lhe pertence” (2019, p. 83). É o reconhecimento de que o outro, neste caso, Alice, é o reflexo de uma parte de si. O duplo, então, deixa de ser apenas figura literária e torna-se uma metáfora do inconsciente que se volta contra o eu.

2.2 O horror da abjeção

Enquanto o infamiliar freudiano trata do retorno do reprimido, o conceito de abjeção, elaborado por Julia Kristeva (1980), lida com a reação do sujeito diante do que ameaça sua integridade. A abjeção ocorre quando o eu é confrontado com o limite entre o humano e o inumano, o vivo e o morto, o limpo e o impuro. Kristeva (1980, p. 4) define a abjeção como “aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem [...] o que não respeita fronteiras, posições, regras”. Ela é, portanto, uma força desorganizadora.

Em *A sucessora*, a figura de Alice assume esse papel. A morta é a presença que desestabiliza Marina, mas também a fascina. “A grande sedução de Alice [...] envolvia-a agora de todos os lados como um aroma irresistível” (NABUCO, 2018, p. 79). O “aroma irresistível” é uma metáfora do contágio simbólico, a lembrança que se infiltra, o desejo que se mistura ao medo.

Kristeva observa que “o cadáver é o auge da abjeção [...] a morte infestando a vida” (1980, p. 9). Alice, morta e ausente, é o cadáver simbólico que invade a vida de Marina, tornando-se uma presença espectral que corrói silenciosamente a estabilidade da nova esposa.

A abjeção manifesta-se, portanto, como um fascínio ambíguo pelo que deveria ser rejeitado: Marina sente repulsa pela lembrança de Alice, mas, paradoxalmente, não consegue se libertar dela. Essa presença inquietante é reforçada pela própria linguagem de Nabuco, que escolhe o termo “medusada” para descrever o estado de Marina diante do retrato da falecida. A palavra evoca o mito de Medusa, a figura monstruosa cujo olhar petrifica, e revela a dimensão

paralisante e hipnótica da abjeção. Assim como quem encara Medusa se transforma em pedra, Marina torna-se imóvel diante da imagem de Alice, dominada por uma mistura de terror, inveja e fascínio. Nabuco descreve esse momento de forma vívida: “Marina [...] contemplava o quadro, medusada e contrafeita. Devia ser Alice viva. Os olhos viam. Penetravam o pensamento, olhavam o mundo como se fosse seu para conquistar, para governar” (Nabuco, 2018, p. 14).

O olhar da morta, descrito como penetrante e dominador, assume uma força vital que suplanta a da própria protagonista. Alice, mesmo morta, conserva um poder simbólico que a faz existir de forma mais intensa do que Marina, invertendo a lógica entre vida e morte. A personagem viva é quem se encontra em suspensão, petrificada pela presença do cadáver simbólico que insiste em não desaparecer.

Desse modo, a palavra “medusada” traduz não apenas o espanto, mas a experiência do infamiliar freudiano e da abjeção kristeviana: o encontro com algo que deveria estar morto e distante, mas que retorna com força, ameaçando dissolver as fronteiras entre o eu e o outro, o vivo e o morto.

Essa ambiguidade é o núcleo do horror: o medo misturado ao desejo, a atração pelo que repugna. A sucessora é, nesse sentido, uma mulher que habita o limiar, entre o amor e o pavor, entre a lucidez e o delírio.

2.3 A abjeção como fusão e perda de identidade

Ao tentar ocupar o lugar de Alice, Marina realiza o que Kristeva chama de movimento abjeto: “eu me expulso, eu me cuspo, eu me abjeto no mesmo movimento pelo qual ‘eu’ pretendo me afirmar” (1980, p. 6). A afirmação da identidade exige a exclusão do outro, mas, ao tentar excluir Alice, Marina a incorpora “A qualquer momento, inesperadamente, apareciam novas ligações entre Alice e as coisas de casa [...] tudo refletindo um momento do seu gosto” (Nabuco, 2018, p. 75).

A casa inteira é um espelho da morta. Assim, Marina é levada a confundir-se com ela, repetindo gestos, modos de vestir, maneiras de falar. Quando percebe essa fusão, sente repulsa e, ao mesmo tempo, prazer. A abjeção é exatamente isso: a sedução do abismo. O momento em que “teve a impressão exata de retirar uma máscara do rosto. Doíam-lhe todos os pequeninos músculos da face e da boca, um por um. Miríades.” (Nabuco, 2018, p. 144) marca o ápice da perda de si. Retirar a máscara significa confrontar o vazio: não há rosto por trás, apenas o eco

do outro. Marina é, então, o corpo abjeto, o corpo que deseja expulsar a presença da morta, mas que já está contaminado por ela.

3. A CASA COMO CORPO E O CORPO COMO CASA

A casa, em *A sucessora*, não é mero cenário, mas personagem simbólico. Cada cômodo reflete uma dimensão psíquica de Marina. O quarto é o espaço do desejo e da solidão; o salão, o espaço do olhar e da comparação; o retrato, o espelho do inconsciente “Alice, morta e aparentemente esquecida, tomara um lugar primacial na sua vida [...] a sensação da presença constante tornou-se para Marina tão verdadeira quanto qualquer das suas ocupações” (Nabuco, 2018, p. 124).

O espaço doméstico é o corpo do inconsciente. A casa respira, observa, vigia. A arquitetura da casa de Steen é, portanto, uma metáfora da mente: os cômodos são compartimentos psíquicos, os corredores são as ligações entre lembrança e desejo. Quando Marina deseja que a casa “ardesse, até o último tijolo” (Nabuco, 2018, p. 129), expressa o impulso destrutivo de que fala Kristeva: o desejo de purificação pela aniquilação. O fogo é o símbolo da tentativa de eliminar o infamiliar e o abjeto, mas destruir a casa seria destruir a si mesma. Assim, o lar e o corpo se confundem: ambos são espaços de horror íntimo, onde o eu e o outro se misturam até se tornarem indistintos.

4. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, sustentada pela leitura imanente, conforme Durão (2020). Essa metodologia propõe que o ponto de partida da análise seja o texto literário, não a teoria, e que o intérprete se aproxime da obra sem impor-lhe um modelo interpretativo fixo.

Talvez seja mais adequado referir-se à leitura cerrada como uma técnica, porém com um adendo importante: ela exige uma disposição subjetiva, uma postura analítica capaz de lidar com a lentidão, de se demorar na e com a obra, exatamente o oposto da chamada leitura dinâmica, tão consoante com o espírito do nosso tempo (Duração, 2020, p. 99).

Assim, o percurso metodológico desenvolveu-se em três momentos, correspondentes aos gestos constitutivos da leitura cerrada: primeiramente, a escolha dos trechos ou elementos significativos da obra; em seguida, a imaginação interpretativa do pesquisador diante do detalhe selecionado, que orienta a construção do sentido; e, por fim, a articulação entre a materialidade textual analisada e o argumento interpretativo, de modo que ambos se reforcem mutuamente, garantindo que a análise literária se mantenha ancorada no texto e contribua para sustentar a hipótese proposta.

O percurso metodológico desenvolveu-se em três momentos:

4.1 Leitura analítica de *A sucessora*, com foco na construção do medo e na dissolução da identidade;

4.2 Articulação teórica com Freud (2019) e Kristeva (1980), para compreender o horror como fenômeno simbólico e psíquico;

4.3 Síntese interpretativa, destacando o modo como a linguagem de Nabuco materializa o infamiliar e a abjeção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sucessora revela uma das experiências mais densas do horror íntimo na literatura brasileira. Carolina Nabuco constrói, com sutileza e intensidade, uma narrativa que explora os abismos da mente feminina, transformando o cotidiano em um campo de tensão psíquica.

A partir de Freud e Kristeva, compreende-se que o infamiliar e a abjeção não são opostos, mas complementares: o primeiro traz o retorno do recalcado; o segundo, a repulsa diante daquilo que não pode ser assimilado. Marina vive a experiência de ambos, é habitada pela presença de Alice e, ao mesmo tempo, repelida por ela.

O horror em *A sucessora* não é sobrenatural: é psíquico. O lar, o corpo e o olhar são os instrumentos dessa inquietação. O romance mostra que o medo nasce da intimidade, do excesso de familiaridade, do espelho que devolve o rosto de outra.

A leitura imanente permite perceber como o próprio estilo de Nabuco, marcado por pausas, silêncios, repetições e atmosferas de suspensão, produz o efeito do infamiliar. O texto parece respirar com Marina, oscilando entre lucidez e delírio.



Em última instância, *A sucessora* é um estudo sobre o eu em crise. Marina não teme um fantasma, mas a perda de si mesma, o terror de perceber que, naquilo que é mais íntimo, há sempre um outro.

REFERÊNCIAS

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar (Das Unheimliche)**. Trad. Antônio Carlos Santos e Ernani Pinheiro Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Poderes do horror**: ensaio sobre a abjeção. Paris: Seuil, 1980.

NABUCO, Carolina. **A sucessora**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2018.